
Narrativas em contracorrente: o exercício de um cinema decolonial em *Waves*¹

Isadora Ribeiro SILVA²
Universidade Federal de Ouro Preto– UFOP

Resumo

Esta pesquisa, através do longa-metragem *Waves* (2019), busca analisar como as relações coloniais atravessam a trama do filme. Para que isso seja possível, será averiguado como a decolonialidade e a interseccionalidade oferecem repertório para perceber como a colonialidade opera no cotidiano de pessoas negras. Como metodologia foi proposto o uso das dez teses sobre a colonialidade e decolonialidade (Maldonado-Torres, 2019) aliado com o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica (Collins, 2022). Dessa forma, pode-se concluir que as criações artísticas são modos de crítica de diferentes maneiras de conceber e viver o tempo. A performance estética decolonial é um ritual que busca manter o corpo aberto e ao mesmo tempo um corpo preparado para agir.

Palavra-chave: Waves; cinema; raça; decolonialidade; interseccionalidade.

Corpo do texto:

Dirigido por Trey Edward Shults, *Waves* é um longa-metragem lançado em 2019 que conta a trajetória de uma família negra nos Estados Unidos. O filme apresenta os adolescentes Tyler (Kelvin Harrison Jr.) e Emily Williams (Taylor Russell), irmãos que moram junto com o pai Ronald (Sterling K. Brown) e sua madrasta Catherine (Renée Elise Goldsberry) em uma casa de classe média alta no sul da Flórida. Tyler tenta ser o filho perfeito e tem sua vida planejada pelo seu pai. Já Emily se esforça para ser notada, mas fica na sombra do irmão.

De acordo com Nelson Maldonado-Torres (2019), o conceito de decolonialidade tem dois pontos: de manter a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; e de ser uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal. Partindo também das relações coloniais, Kimberlé Crenshaw (2004) defini o termo interseccionalidade para estudar a perspectiva teórico-metodológica que pensa as

¹ Trabalho apresentado no GP02 Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP, bolsista UFOP. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Email: isadora.rs@aluno.ufop.edu.br

questões de raça, gênero, classe, sexualidade, como opressões de natureza interligada, que não são isoladas, mas que se sobrepõem.

Partindo destes campos teóricos, Maldonado-Torres (2019) propõe fazer um exercício metodológico a partir dos conceitos de colonialidade e decolonialidade apresentando dez teses para se fazer uma arquitetura conceitual para entender as questões coloniais. Para além dessa metodologia, o conceito de interseccionalidade (Collins, 2022) também pode ser utilizado como ferramenta analítica para resolver problemas sociais.

A colonialidade/modernidade é um paradigma de guerra que se coloca como justo e que faz o contexto colonial sempre violento, na qual a violência é desencadeada em múltiplas direções e os sujeitos colonizados são os alvos diretos dessa violência sistemática. Dessa forma, Tyler – como um adolescente negro – se vê vivendo um círculo de violência, já que seu pai o educa dessa maneira para entrar nos moldes de ser um jovem perfeito. Como consequência, ele a reproduz quando agride sua namorada, uma mulher latina, que também está sujeita a este contexto colonial violento. Judith Butler (2017) afirma que a vulnerabilidade corporal pressupõe a existência de um mundo social e que os corpos são vulneráveis aos outros e as instituições da mesma maneira, na qual a vulnerabilidade constitui um aspecto da mobilidade social pela qual os corpos persistem. Por ser uma mulher negra, Emily sofre vulnerabilidade corporal dentro dos espaços sociais e até nas redes sociais. Mesmo não tendo cometido nenhum crime, ela sofre linchamento e é afastada de todos pelos atos de seu irmão. Como consequência, ela sente culpa e acha que poderia ter impedido as ações de Tyler.

Diante do exposto, a crítica decolonial encontra sua âncora no corpo aberto, ou seja, quando o sujeito colonizado comunica as questões críticas que estão fundamentadas na experiência vivida. Logo, o filme *Waves* através das experiências dos personagens do longa, expõe as questões coloniais marcadas dentro da sociedade estadunidense, já que o corpo aberto é um corpo questionador, assim como criativo.

Referências

BUTLER, Judith. Vulnerabilidad corporal, coalición y la política de la calle. *Nómadas*, Bogotá, n. 46, p. 13-29, jun. 2017.

COLLINS, Patricia Hill; DE SOUZA, Carina Jéssica; NASCIMENTO, Elisa Duarte. **A diferença que o poder faz:** interseccionalidade e democracia participativa. *Sociologias Plurais*, v. 8, n. 1, 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. **Cruzamento:** raça e gênero. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GOSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27–54.

WAVES. Direção de Trey Edward Shults. Estados Unidos: A24, 2019. (135 min.), color.